



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**EMILY CRISTINA PEREIRA DE ALMEIDA**

**A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR**

**TOCANTINÓPOLIS  
2021**

EMILY CRISTINA PEREIRA DE ALMEIDA

**A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Tocantinópolis para obtenção do título de Licenciada em Educação Física, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Bethânia Alves Costa Zandomínegue.

TOCANTINÓPOLIS  
2021

# **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**EMILY CRISTINA PEREIRA DE ALMEIDA**

## **A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – Campus Tocantinópolis para obtenção do título de Licenciada em Educação Física, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Bethânia Alves Costa Zandomínegue

Aprovada em: 07 de dezembro de 2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Bethânia Alves Costa Zandomínegue  
Universidade Federal do Tocantins  
Orientadora

---

Prof. Ms Lázaro Rocha Oliveira  
Universidade Federal do Tocantins  
Examinador Interno

---

Prof. Carlos Cristiano Espedito Guzzo Júnior  
Universidade Federal do Tocantins  
Examinador Interno

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

A447d Almeida, Emily Cristina Pereira de .

A DANÇA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR. / Emily Cristina Pereira de Almeida. – Tocantinópolis, TO, 2021.  
56 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – CâmpusUniversitário de  
Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2021.

Orientadora : Bethânia Alves Costa Zandomínegue

1. Prática pedagógica. 2. Dança. 3. Escola. 4. Educação Física. I. Título

**CDD 796**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## AGRADECIMENTOS

À Deus por toda força, ânimo, coragem e bênçãos concedidas a mim, durante todo o trajeto de minha vida.

À minha orientadora, professora Bethânia, pelos ensinamentos e conselhos durante todos esses anos. Seus aprendizados foram essenciais para minha formação humana e profissional e me permitiu atingir êxito nesta caminhada.

À minha mãe Maria Gilsa, meu exemplo de força e garra. Sou grata pelos ensinamentos diários e por vencer todas as batalhas da vida ao meu lado.

Aos meus irmãos, Leonardo e Andressa que venceram este trabalho junto a mim.

Ao meu namorado Sorlei, pelas vezes que me viu muito além do que eu me via, e nessas tantas vezes, me mostrou quem eu sou. Sou grata pela ajuda imensurável durante toda a construção e finalização deste trabalho.

Aos meus amigos, Aryadne, Letícia e Rodrigo, por me darem conforto e segurança nesses quatro anos de graduação. Vocês foram essenciais durante esse trajeto!

Aos professores da Universidade, pelo esforço, paciência e sabedoria. Sou grata pelos recursos e ferramentas que me permitiram evoluir um pouco todos os dias.

Aos meus amigos e colegas, que direta ou indiretamente, ajudaram-me a acreditar em mim. Quero deixar meu agradecimento eterno!

*“A dança na escola não é a arte do espetáculo, é educação através da arte.”*

(Marina Ferrari)

## RESUMO

O objetivo geral deste estudo é compreender a abordagem pedagógica da dança na Educação Física das escolas estaduais de Tocantinópolis/TO, mais especificamente, contextualizar a dança na escola em diálogo com os documentos legais e a produção acadêmica da área; identificar como ocorre a intervenção didático pedagógica da dança na Educação Física das escolas estaduais de Tocantinópolis e discutir sobre a prática pedagógica da dança no contexto atual da Educação Física escolar. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, de natureza descritiva-interpretativa. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semi estruturada, que foi aplicada a sete professores da rede estadual de ensino. A análise qualitativa dos dados ocorreu a partir de um processo de leitura e categorização, considerando as aproximações temáticas evidenciadas nas respostas dos entrevistados. Constatou-se que os professores contemplam a dança em suas práticas pedagógicas e a consideram importante para o desenvolvimento dos alunos na escola. Nesse percurso, identificamos alguns desafios para o ensino da dança na escola como a pouca experiência dos professores, desde a formação inicial, a predominância do esporte como conteúdo da Educação Física escolar, as questões de gênero e a resistência dos alunos. Concluímos que, apesar dos limites, a abordagem da dança na escola está atrelada à concepção de ensino e à maneira de conduzi-la com os alunos. O acompanhamento contínuo do professor e o estímulo ao protagonismo do aluno se mostraram favoráveis às mediações pedagógicas com a dança na escola.

**Palavras-chave:** Prática Pedagógica. Dança. Escola. Educação Física.

## ABSTRACT

The general objective of this study is to understand the pedagogical approach of dance in Physical Education in state schools in Tocantinópolis/TO, more specifically, to contextualize dance at school in dialogue with legal documents and academic production in the area; identify how the pedagogical intervention of dance occurs in Physical Education in state schools in Tocantinópolis and discuss the pedagogical practice of dance in the current context of school Physical Education. Therefore, a qualitative, exploratory, descriptive-interpretive research was carried out. For data collection, a semi-structured interview was used, which was applied to seven state teachers. The qualitative analysis of the data took place through a process of reading and categorization, considering the thematic approaches evidenced in the respondents' answers. It was found that teachers consider dance in their teaching practices and consider it important for the development of students at school. Along this path, we identified some challenges for teaching dance at school, such as the lack of experience of teachers, from initial training, the predominance of sport as a content of Physical Education at school, gender issues and the resistance of students. We conclude that, despite the limits, the approach to dance at school is linked to the concept of teaching and the way to conduct it with students. The continuous monitoring of the teacher and the encouragement of the student's protagonism proved to be favorable to pedagogical mediations with dance at school.

**Keywords:** Pedagogical Approach. Dance. School. Physical Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCT	Documento Curricular do Tocantins
EF	Educação Física
ERE	Ensino Remoto Emergencial
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 DELIMITAÇÃO E APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO .....	11
1.2 OBJETIVOS .....	13
1.3 ITINERÁRIO DA PESQUISA .....	13
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>15</b>
2.1 TIPO DE PESQUISA .....	15
2.2 O CAMPO E OS SUJEITOS .....	15
2.3 INSTRUMENTO PARA A COLETA DOS DADOS .....	16
2.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS .....	16
2.5 PROCEDIMENTOS PARA DE ANÁLISE DOS DADOS .....	17
<b>3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A DANÇA NOS DOCUMENTOS QUE ORIENTAM A EDUCAÇÃO NO BRASIL.....</b>	<b>18</b>
3.1 RELAÇÃO DANÇA, EDUCAÇÃO FÍSICA E DOCUMENTOS NORTEADORES.....	18
3.2 A DANÇA NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS).....	21
3.3 A DANÇA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) .....	23
3.4 A DANÇA NO DOCUMENTO CURRICULAR DO TOCANTINS (DCT).....	26
<b>4 PRÁTICA PEDAGÓGICA, DANÇA E O CONTEXTO ATUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS.....</b>	<b>28</b>
4.1 ABORDAGEM PEDAGÓGICA .....	28
4.2 CONTEÚDO/TEMÁTICA .....	35
4.3 DANÇA E PANDEMIA .....	37
<b>4.3.1 Possibilidades do ensino da dança no contexto escolar remoto.....</b>	<b>40</b>
4.4 DANÇA, MÍDIA E CULTURA POPULAR .....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 DELIMITAÇÃO E APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO

Esta monografia apresenta como objeto de estudo a prática pedagógica da dança na Educação Física (EF) escolar, da rede estadual de ensino de Tocantinópolis/TO. Ao longo da história, a dança foi marcada por muitas transformações. Na Era Primitiva e Idade Antiga, a expressão do corpo assumia características ritualísticas e sagradas. Na Idade Média, com base no pensamento religioso da época, dançar era considerado um ato pecaminoso. Já na Idade Moderna, a dança afirmou o movimento como a sua essência e “[...] se tornou uma arte independente pela primeira vez” (LEPECKI, 2017, p. 25).

Atualmente, “[...] a dança está presente nas ruas, nas casas, nos espaços de espetáculos, nos estúdios, nas escolas, nas universidades”, sendo usada como forma de entretenimento, educação, promoção da saúde e inserção social, o que evidencia a sua relevância e influência na humanidade, de diferentes formas e sentidos (BRASILEIRO, 2010, p. 137). Desde o final dos anos 90, no âmbito legal, observamos o surgimento de propostas curriculares e pedagógicas para o ensino da dança na escola (BRASIL, 1997; 2018). A mais recente, a BNCC, traz orientações para o ensino da dança como prática corporal na EF, sistematizada em graus de complexidade como danças da comunidade, da região, do país e do mundo.

No contexto do estado do Tocantins, lócus deste estudo, o documento DCT orienta que as danças sejam contempladas nas aulas de EF com ênfase nas práticas culturais locais (TOCANTINS, 2019). O município de Tocantinópolis/TO conta com oito instituições educacionais estaduais, sendo duas unidades conveniadas; dois colégios; três escolas regulares e uma escola especial<sup>1</sup>. Com a chegada da pandemia causada pela Covid-19, houve o fechamento das escolas do município. No primeiro momento as aulas foram totalmente suspensas. Na sequência, as escolas adotaram um plano de trabalho para o período emergencial, onde os professores passaram a atuar por meio de roteiros impressos entregues aos alunos, contemplando conteúdos de todas as disciplinas do currículo, inclusive a EF.

---

<sup>1</sup> As escolas estaduais do município de Tocantinópolis/TO são: APAE - Escola Especial Um Passo Diferente; Unidades Escolares Conveniadas: Colégio Dom Orione e Escola Paroquial Cristo Rei; Colégios: CEM Darcy Marinho e Colégio José Carneiro de Brito; Escolas: Escola Est. GTI XV de Novembro, Escola Est. GTI Prof. Aldenora Alves Correia e Escola Est. Pe. Giuliano Moretti (DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO - DRE/Tocantinópolis/TO, 2021).

De acordo com Brasileiro (2002-2003) e Marques (1999; 2012), a presença da dança na escola é marcada por muitos desafios. Alguns autores apontam para uma marginalização desse conteúdo nos currículos. Apesar de a dança proporcionar para o indivíduo vivências que o ajudam no seu processo de ensino-aprendizagem e aspectos relacionados ao desenvolvimento motor, social e criativo, nas aulas de EF, esse conhecimento assume uma posição secundária em relação a outros conteúdos predominantes, como os esportes. Para Marques (2007), embora a escola formal seja um espaço privilegiado para se aprender dança com qualidade, esse conhecimento é sinônimo de “festinhas de fim-de-ano”, presente como atividades extracurriculares ou em datas comemorativas do calendário da instituição.

Com base nesses apontamentos, questionamos, qual é a realidade da dança como prática pedagógica nas aulas de EF desenvolvidas nas escolas estaduais de Tocantinópolis/TO? Como esse conhecimento é tratado nas escolas do município? Em decorrência da pandemia, o conteúdo dança foi contemplado nas aulas de EF? Se sim, como?

Com base nesses questionamentos, o objetivo deste estudo é compreender a abordagem pedagógica da dança na EF das escolas estaduais de Tocantinópolis/TO. De modo específico, contextualizar a dança na escola em diálogo com os documentos legais e a produção acadêmica da área; identificar como ocorre a intervenção didático pedagógica com a dança na EF das escolas estaduais de Tocantinópolis e; discutir sobre a prática pedagógica da dança no contexto atual da EF escolar. Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória do tipo descritiva-interpretativa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

Como aporte teórico, dialogamos com alguns documentos que orientam as práticas de professores de EF no estado e no país, como o Documento Curricular do Tocantins (DCT), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Também estabelecemos interlocuções com autores que discutem a dança na escola, como Verderi (2000), Marques (2007; 2012), Brasileiro (2010) e Gehres (2020).

Na dimensão social, este estudo se justifica pelo fato da dança possuir um caráter educativo importante de ser considerado na escola. No âmbito acadêmico, destacamos que, dada a relevância desse conteúdo na EF escolar, há evidências de que a dança é pouco trabalhada na escola (GARIBA; FRANZONI, 2007). Portanto, faz-se necessário uma pesquisa que aponte possibilidades de trato pedagógico com esse conhecimento. Além disso, ressaltamos que a pesquisa promove a difusão do tema, ampliando possibilidades para a abordagem e problematização da dança na escola.

No aspecto pessoal, um dos interesses que nos move a este assunto está relacionado com o nosso envolvimento com a dança na escola, desde a infância. Por acreditar que a dança

na escola é importante ferramenta para promover o desenvolvimento pessoal, cultural e social dos alunos, almejamos que este seja um conteúdo presente nas instituições educativas da cidade de Tocantinópolis- TO.

## 1.2 OBJETIVOS

### **Objetivo Geral**

Compreender a abordagem pedagógica da dança na Educação Física das escolas estaduais de Tocantinópolis/TO.

### **Objetivos Específicos**

- a) Contextualizar a dança na escola em diálogo com os documentos legais e a produção acadêmica da área;
- b) Identificar como ocorre a intervenção didático pedagógica com a dança na Educação Física das escolas estaduais de Tocantinópolis;
- c) Discutir sobre a prática pedagógica da dança no contexto atual da Educação Física escolar.

## 1.3 ITINERÁRIO DA PESQUISA

Na perspectiva de contemplar os objetivos propostos, este estudo seguiu o seguinte itinerário: no tópico 1 delimitamos e problematizamos o objeto da pesquisa, indicando a nossa aproximação a ele. Apresentamos as questões norteadoras, os objetivos e o itinerário da pesquisa. Desta forma, obtendo um panorama geral dos assuntos a serem tratados no decorrer do estudo.

No tópico 2, apresentaremos o Percurso Metodológico, bem como o tipo de pesquisa, os procedimentos para a obtenção e análise dos dados, o campo e os sujeitos.

Intitulado, *A Educação Física escolar e a dança segundo os documentos legais da educação no Brasil*, o tópico 3, identificará como os principais documentos que orientam a educação brasileira, apresentam o componente curricular Educação Física e, a partir dela, conduzem a Dança como um conteúdo a ser trabalhado dentro da sala de aula. Este tópico busca investigar como esse objeto de conhecimento foi/é visto, desde o mais antigo

documento, até o atual.

O tópico 4, *Prática pedagógica, dança e o contexto atual da Educação Física no município de Tocantinópolis*, discutirá sobre a abordagem pedagógica da dança na EF. Dessa forma, buscaremos compreender os desafios e possibilidades para o trato da dança na escola, antes e durante a pandemia, e por fim discutiremos as relações dança, mídia e cultura popular, presentes na escola.

No 5º e último tópico, apresentaremos as *Considerações finais*, retomando as questões que orientaram o estudo, as análises realizadas e os objetivos propostos para vislumbrar outras possibilidades de aprofundamentos e reflexões sobre o tema.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, do tipo descritiva-interpretativa, onde se pretende descrever e compreender as diferentes realidades que é possível encontrar em relação ao objeto de estudo. Sobre a pesquisa qualitativa, Godoy (1995, p. 63) enfatiza que: “[...] os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produtos”. A pesquisa exploratória tem como propósito buscar uma maior familiaridade com o tema, e um refinamento de ideias, por sua vez, a pesquisa descritiva tem como foco a obtenção de declarações e levantamentos de opiniões e atitudes do grupo pesquisado (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

### 2.2 O CAMPO E OS SUJEITOS

O presente estudo foi desenvolvido com sete professores de EF que atuam nas escolas estaduais da rede pública no município de Tocantinópolis – TO. São elas: a Escola Especial Um Passo Diferente (APAE); as Unidades Escolares Conveniadas: Colégio Dom Orione e Escola Paroquial Cristo Rei; Os Colégios: CEM Darcy Marinho e Colégio José Carneiro de Brito; as Escolas: Escola Est. GTI XV de Novembro, Escola Estadual GTI Prof. Aldenora Alves Correia e Escola Estadual Pe. Giuliano Moretti.

As escolas estaduais de Tocantinópolis seguem o Documento Curricular do Tocantins (DCT). Os planejamentos dos professores são orientados pelo plano anual enviado pela Secretaria Estadual, com base no DCT. A partir desse planejamento, os professores organizam os conteúdos em bimestres e produzem um plano de ação quinzenal, juntamente com a coordenação pedagógica de cada instituição escolar. Os professores participantes desta pesquisa possuem graduação em Educação Física. Como critérios de inclusão no estudo definimos: ser professor formado em Educação Física; Atuar na rede pública estadual de Tocantinópolis-TO; Concordar em conceder uma entrevista via plataforma Google Meet.

O quadro a seguir, evidencia o perfil dos professores entrevistados. Contudo, para preservar a identidade dos sujeitos, adotaremos a abreviação P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7 para identificar os professores, conforme a ordem de realização das entrevistas.

**Quadro 1** - Perfil dos professores entrevistados.

<b>Participantes</b>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>	<b>P6</b>	<b>P7</b>
<b>Sexo e idade</b>	Homem, 36 anos	Homem, 32 anos	Homem, 29 anos	Homem, 36 anos	Mulher, 34 anos	Homem, 31 anos	Homem, 35 anos
<b>Tempo de atuação na área</b>	13 anos	10 anos	5 anos	11 anos	4 anos	10 anos	4 anos

Fonte: A pesquisadora.

### 2.3 INSTRUMENTO PARA A COLETA DOS DADOS

Para conhecer as práticas pedagógicas com a dança conduzidas pelos professores de EF da rede estadual de ensino de Tocantinópolis, adotamos como instrumento a entrevista semi estruturada. Para Thomas, Nelson e Silverman (2012), a entrevista semi estruturada, segue uma característica de ser realizada de forma oral, que por sua vez, oferece uma maior liberdade para o pesquisador reformular e acrescentar perguntas, esclarecer as respostas dos sujeitos pesquisados e garantir resultados mais pertinentes.

Devido ao contexto da pandemia causada pela Covid-19 e recomendações do Ministério da Saúde acerca das medidas de combate ao coronavírus, como o isolamento social, a entrevista foi realizada remotamente. Adotamos a plataforma de comunicação virtual Google Meet para a realização das entrevistas com os docentes.

### 2.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DOS DADOS

Enviamos para os docentes, via mensagem de *whatsapp*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>2</sup> e o convite para a participação na pesquisa. A população é composta de oito professores de EF, representantes de todas as escolas estaduais do município. Todos concordaram participar do estudo.

Na sequência, realizamos as entrevistas previamente agendadas, de forma individual, via plataforma de comunicação Google Meet. Contudo, dos oito professores participantes,

---

<sup>2</sup> Ver apêndice A.

apenas sete concederam efetivamente a entrevista. Sendo assim, a amostra desse estudo é composta por sete professores da rede estadual.

Ressaltamos que, apesar da desistência de um professor, todas as escolas estaduais do município foram contempladas, pois no grupo dos entrevistados, havia um professor que atuava em mais de uma escola, sendo uma delas, a que correspondia ao professor desistente.

## 2.5 PROCEDIMENTOS PARA DE ANÁLISE DOS DADOS

Os procedimentos para a análise dos dados se deram com base nos relatos das experiências extraídos das entrevistas com os participantes. Cada entrevista foi gravada, e posteriormente, transcrita de forma manual.

No primeiro momento, houve uma leitura geral do material coletado (entrevistas). Na sequência, realizamos a categorização dos dados, considerando as aproximações temáticas evidenciadas nas respostas dos professores. Por fim, realizamos as inferências e interpretações, com o auxílio do referencial teórico.

### **3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A DANÇA NOS DOCUMENTOS QUE ORIENTAM A EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Para estabelecermos análise acerca da dança como conteúdo abordado nas práticas pedagógicas de professores de EF, faremos uma breve explanação sobre essa área de conhecimento. Em seguida, no intuito de contemplar nosso primeiro objetivo, realizaremos a consulta aos documentos orientadores da EF: os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Base Nacional Comum Curricular e o Documento Curricular do Tocantins, para que, com base nessa análise, possamos contextualizar a dança na escola, em diálogo com esses documentos e a produção acadêmica da área.

#### **3.1 RELAÇÃO DANÇA, EDUCAÇÃO FÍSICA E DOCUMENTOS NORTEADORES**

A EF estuda e atua sobre um conjunto de práticas de movimentos da cultura corporal, historicamente criados pelo homem. Segundo o Coletivo de Autores (1992), a prática pedagógica da EF surgiu na sociedade, no século XVIII, com o objetivo de construir um homem mais forte e ágil fisicamente. Para tanto, naquela época, cuidar do corpo era uma necessidade para atender as demandas sociais para o trabalho. A EF era vista como meio para a efetivação desse pensamento.

Para Medina (1987), definir EF como “ciência do movimento” é interpretá-la de modo superficial, pois desconsidera a totalidade do indivíduo e separação do físico e da alma. Conforme o autor, o corpo é constituído para além de suas capacidades físicas, compreende suas relações no mundo e a formação humana como um todo. Assim, de acordo com Medina (1987) a EF pode ser definida como:

[...] disciplina que se utiliza do corpo, através de seus movimentos, para desenvolver um processo educativo que contribua para o crescimento de todas as dimensões humanas. [...] Deve ocupar-se do corpo e de seus movimentos, voltando-se para a ampliação constante das possibilidades concretas dos seres humanos, ajudando-os, assim, na sua realização mais plena e autêntica (MEDINA, 1987, p. 62).

Segundo o Coletivo de Autores (1992), as práticas corporais compreendidas dentro da EF devem proporcionar ao indivíduo sentidos de ludicidade, artes, estética e outras manifestações que produzem no ser humano a sua consciência social e cria, a partir disso, suas concepções subjetivas relacionadas à própria vida. Dessa forma, a EF assume como

principal ferramenta, o corpo em movimento, e não a “prática pela prática”, desprovida de consciência crítica. Para Melhem (2012), o objetivo principal de um professor de EF deve ser tornar sua aula o mais inclusiva possível, com respeito ao tempo e à forma de aprender que cada criança possui.

Em relação à dança, Marques (2012) aponta que, apesar de reconhecida como conteúdo estruturante das áreas de Artes e EF, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), esse conteúdo ainda não tem sido compreendido em suas potencialidades para a formação educacional, cultural e histórica de crianças e jovens.

Os PCNs apontam que a escola seja capaz de desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo [em] dança. Nessa perspectiva, a dança oportuniza aos alunos uma diversificação de atividades que contemplam a pluralidade cultural, visto que, por meio dela, pode-se desenvolver diferentes movimentos corporais que permitem aos alunos reconhecer seu próprio corpo, compreender o seu funcionamento, além de outros benefícios como sentimentos de coletividade e superação. Sobre isso, Verderi (2000) destaca que:

A Dança na escola, associada à Educação Física, deverá ter um papel fundamental enquanto atividade pedagógica e despertar no alunado uma relação concreta sujeito-mundo. Deverá propiciar atividades geradoras de ação e compreensão, favorecendo a estimulação para ação e decisão no desenrolar das mesmas, e também reflexão sobre os resultados de suas ações, para assim, poder modificá-las defronte a algumas dificuldades que possam aparecer e através dessas mesmas atividades, reforçar a autoestima, a auto-imagem, a autoconfiança e o auto-conceito (VERDERI, 2000, p. 34).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, criada em 2018, apresenta dados que reforçam essa premissa e prevê como objetivos para a EF:

[...] formar sujeitos capazes de usufruir, produzir e transformar a cultura corporal de movimento, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas sobre o papel das práticas corporais em seu projeto de vida e na sociedade. A cultura corporal de movimento é entendida como o conjunto de práticas culturais em que os movimentos são os mediadores do conteúdo simbólico e significante de diferentes grupos sociais. Por isso, sua abordagem na educação básica exige que as experiências corporais dos estudantes sejam integradas à reflexão sobre a cultura corporal de movimento (BNCC, 2018, p. 51).

Buscando avaliar o Documento Curricular do Tocantins (DCT) para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, tendo em vista que, para o Ensino Médio, o mesmo ainda está

em construção, vimos que os seus objetivos são pautados em orientar e esclarecer as responsabilidades de cada instância para o aprimoramento curricular do processo de ensino aprendizagem. O DCT (2020) destaca a unidade temática *dança* como:

[...] práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos corporais, pelo ritmo musical de cada estilo de dança e por coreografias. São práticas corporais marcadas pela história sobre suas origens e que apresentam diferentes significados nos contextos socioculturais onde acontecem. No Tocantins, a dança está vinculada à história e cultura das populações que constituem o estado, sendo de grande importância o desenvolvimento dessa prática corporal nas escolas, resgatando expressões como a súa (jiquitaia), a catira, dentre outras (DCT, 2020, p. 346).

Com base nessas orientações vimos que o trato da dança na escola perpassa por considerar o contexto social e cultural, partindo das escolhas de ritmos e estilos, bem como dos conhecimentos que os alunos já trazem. Verderi (2000) considera que através das atividades da dança, pretende-se que o aluno tenha um desenvolvimento quanto às suas habilidades, de modo que gere um maior conhecimento e propriedade de suas movimentações corporais, possibilitando oportunidades para as crianças de ampliar seu repertório motor, e superar desafios relacionados aos seus aspectos sociais, afetivos e cognitivos. Nesse processo, o papel do professor é o de mediação entre os saberes sistematizados do ensino escolar e os saberes adquiridos pelo aluno em seu cotidiano, criando assim, possibilidades que favoreçam a aprendizagem do aluno.

A Dança é um rico conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física, pois através dela permitimos aos alunos expressar seus desejos, expectativas e necessidades. Segundo Barbosa (2001), o universo da dança é bastante amplo, então o professor pode oportunizar aos alunos, a exploração e execução de diversos movimentos e deixar que criem sua corporalidade de maneira significativa. Para Marques (2007), a dança pode ser uma ferramenta preciosa para o professor enquanto gestor de conhecimento, e ao mesmo tempo, não se deve trabalhar este conteúdo de forma estereotipada, que prioriza a técnica de movimentos, e não respeita a individualidade e o limite dos alunos.

Nesse sentido, é necessário que a Dança possibilite e contribua na totalidade do indivíduo e não se restrinja a apresentações em datas comemorativas.

[...] a Dança na escola, deve oportunizar o autoconhecimento, estimular vivências da corporeidade, oportunizar relações estéticas com os demais e com o mundo, estimular a expressão dos alunos, possibilitar a comunicação não verbal e os diálogos corporais, sensibilizar os alunos a contribuírem na construção de uma educação estética, de modo a favorecer relações mais equilibradas e harmoniosas diante do mundo (BARRETO, 2004, p. 79).

Nessa perspectiva, entende-se que a dança quando ensinada no contexto escolar, tem o objetivo de auxiliar o desenvolvimento corporal de forma plena. A dança pode se manifestar por meio das linguagens de distintas culturas, ressaltando assim, o valor desse conteúdo e permitindo ao aluno conhecer esse patrimônio que faz parte da sua cultura, criar, recriar e entender seus movimentos, e não recebê-los prontos (LABAN, 1990).

Não obstante, Pereira e Hunger (2009) explicam que a dificuldade em lidar com o conteúdo dança na EF advém da hegemonia do esporte como prática corporal e escassez do trato com a dimensão artística na escola em detrimento da valorização do aspecto técnico. São muitas as circunstâncias que podem ser encontradas. O professor é o mediador responsável por elaborar mecanismos que propiciem a aprendizagem dos seus educandos. Para isso, ele conta com as orientações do campo legal e a produção acadêmica da área que o embasam teoricamente.

### 3.2 A DANÇA NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram criados em 1997 com o intuito de trazer uma referência para a elaboração e/ou revisão dos conteúdos das escolas, dos estados e municípios brasileiros. Tendo em vista as particularidades de cada região, os PCNs têm como objetivo garantir uma educação igualitária, dialogando com toda a diversidade cultural do nosso país. O documento está estruturado em volumes por cada área de conhecimento, respeitando as 4 fases de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Voltando o olhar para a Educação Física, os PCNs apresentam esta disciplina como uma área que trabalha a cultura corporal, considerando suas dimensões cultural, social, política e afetiva, tendo seu foco em produzir conhecimentos sobre o corpo e o movimento humano. O documento ainda identifica a Educação Física escolar como uma área que não deve se ater apenas a aptidão e rendimento físico e destaca que a Educação Física na escola deve incluir todos os alunos e dar espaço para que suas potencialidades possam ser desenvolvidas dentro das áreas do esporte, dança, ginástica e lutas profissionais. Betti e Zuliani (2002, p. 75) defendem essa questão e apontam que a Educação Física deve:

[...] introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (BETTI e ZULIANI, 2002, p. 75).

As danças e toda prática corporal que envolva ritmo e músicas, ou brincadeiras cantadas são apresentadas pelos PCNs como Atividades Rítmicas e Expressivas. O foco do bloco “Atividades Rítmicas e Expressivas”, destacado no PCNs, é complementar o tema “Dança”, uma vez que o mesmo já está disposto no bloco de conteúdos da disciplina de artes, e no mesmo se encontra um maior aporte teórico sobre a linguagem artística da dança. O documento orienta que para que o professor tenha um maior aporte teórico sobre a dança enquanto linguagem artística e para um maior conhecimento sobre os aspectos criativos que contemplam a prática, ele deverá consultar o bloco de artes.

Podemos aqui perceber que o documento não traz ou não considera que a Educação Física possa trazer um conhecimento abrangente sobre a dança, havendo um certo desamparo de aporte teórico para com os professores de Educação Física da Educação Básica. De acordo com Marques (1997, p. 21) “Propostas com dança que trabalhem seus aspectos criativos, portanto imprevisíveis e indeterminados, ainda "assustam" aqueles que aprenderam e são regidos pela didática tradicional”. Inferimos que talvez por essa dificuldade em enxergar ainda, a dança como um conteúdo capaz de trazer conhecimentos aos alunos, além de uma breve reprodução de movimentos.

Segundo Vieira (2014), a visão da dança, está disposta na disciplina de Arte como uma prática estética e artística, capaz de tornar o sujeito que dança, um ser social crítico de si, participativo e que se junta às artes visuais, teatro e música. Na Educação Física, os PCNs indicam a dança como um conteúdo que deve trabalhar as manifestações culturais brasileiras. Uma visão ligada ao movimento, e não como uma visão artística da dança. O que corrobora com Marques (1997), sobre a dificuldade de a dança ser vista como arte ligada ao movimento, e não somente como movimento do corpo. Os PCNs reiteram ainda que nas aulas de Educação Física a dança deve estar vinculada aos conteúdos de ginástica, lutas e esportes. (BRASIL, 1998).

Ainda nesta linha, os PCNs apontam que por muito tempo a prática da dança foi promovida baseada nas técnicas de ginástica e danças europeias e americanas. O documento traz argumentos que, considerando a forte diversidade cultural que o país possui através da dança, a Educação Física deve promover a prática dessas manifestações culturais, como por exemplo: bumba-meu-boi, maracatu, frevo, afoxé, catira, baião, xote e xaxado no conteúdo de dança na escola, uma vez que as expressões populares brasileiras devem ser preservadas e outras podem sofrer influências e serem modificadas pelo próprio povo que o pratica. O documento denuncia também o desaparecimento de algumas danças, pois não tem quem as

pratique e defende que o professor deve conhecê-las, valorizá-las e levar aos alunos em sala de aula.

Podemos aludir que a importância de se trabalhar as danças regionais e típicas de cada município, dá a oportunidade para o professor de trazer um maior conhecimento sobre a prática da dança, tendo em vista que os alunos conseguem visualizá-la dentro da sua realidade. Os PCNs ainda reiteram que por meio das danças e brincadeiras locais, os professores serão capazes de transferir aos alunos qualidades e técnicas de execução de movimentos e poderão torná-los autônomos para a prática da expressão corporal.

### 3.3 A DANÇA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Atravessando as barreiras do tempo, com o propósito de subsidiar um novo modelo educacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi elaborada ao longo dos anos de 2015 à 2018. O documento segue uma estrutura organizada com base em 10 competências gerais, definidas como um conjunto de habilidades, atitudes e conhecimentos para o aluno exercer no seu cotidiano e a soma de aprendizagens que os estudantes devem vivenciar durante a sua trajetória educacional. Cada etapa da educação básica está organizada em áreas do conhecimento, que contemplam os componentes curriculares e possuem uma comunicação entre seus conhecimentos e saberes.

Na BNCC para a Educação Infantil, a Educação Física se aproxima do campo de experiência “Corpo, gesto e movimento”, que inclui a faixa etária de bebês a crianças, dos 0 a 5 anos e 11 meses. Os objetivos de aprendizagem desta etapa de ensino, compreende desde o desenvolvimento das habilidades manuais das crianças, apropriação dos gestos, exploração das formas de deslocamento, além da criação das formas diversificadas de expressar com o corpo. A dança está inserida dentro dessas formas de expressão em que a criança pode se desenvolver através de atividades artísticas, teatro e música.

A BNCC para o Ensino Fundamental está dividida em anos iniciais, que compreende do 1º ao 5º ano, e anos finais, do 6º ao 9º ano. Na BNCC, há uma organização disciplinar para as diferentes áreas. Os componentes curriculares de cada disciplina contemplam suas habilidades e competências específicas. A disciplina Educação Física está inserida na área de linguagens. A BNCC trata a Educação Física como uma área que traz conhecimentos acerca da prática corporal de movimento que se distribuem ao longo de seis unidades temáticas, que são abordadas durante todo o ensino fundamental e ensino médio: Brincadeiras e Jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas; Práticas Corporais de Aventura. A Base ressalta que:

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento (BRASIL, 2018, p. 214).

Podemos perceber que o documento enfatiza e apresenta a Educação Física como uma junção de práticas corporais, como as que foram citadas acima. A BNCC salienta que a ludicidade deve estar presente em todas as aulas de EF, durante todo o Ensino Fundamental. Além disso, o documento orienta que as aulas privilegiem as oito dimensões do conhecimento, que são: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário.

A EF, enquanto componente curricular para o Ensino Fundamental, apresenta na BNCC a unidade temática dança como uma prática corporal que envolve movimentos rítmicos, que podem ou não, ser incorporados a coreografias. Ademais, considera a dança como algo que é historicamente desenvolvido ao longo do tempo e que sofre mudanças particulares de acordo com as especificidades de cada época, povo e lugar. Acrescenta-se também que a Dança é apontada de forma que deve abranger primeiramente, as esferas de localidade e região para as esferas nacional e mundial nas formas de explorar esse conhecimento ao longo das etapas de ensino.

No Ensino Fundamental, nas séries de 1º e 2º anos, os conteúdos a serem explorados devem ser sobre as danças comunitárias e regionais, já para os de 3º à 5º anos, o documento prevê uma progressão pedagógica que leve aos alunos o conteúdo de danças do Brasil e do mundo, e danças de matriz indígena e africana, com o intuito de respeitar e valorizar “[...] os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem” (BRASIL, 2018, p. 228). No Ensino Fundamental, anos finais, as temáticas relacionadas à dança são divididas em dois blocos. Nas séries de 6º e 7º anos, são sugeridas as danças urbanas, enquanto para os 8º e 9º anos, o objeto de conhecimento apontado são as danças de salão.

De modo geral, o professor tem como objetivo, a partir dessas unidades temáticas, desenvolver as habilidades de experimentar as diferentes danças, sejam elas em quais contextos se encontram, identificar os elementos que constituem essas manifestações rítmicas, bem como, compreender as diferenças umas das outras, em relação aos seus gestos, ritmos e espaços. Além disso, sugere-se um trabalho pedagógico que utilize estratégias para a

execução desses elementos constitutivos, que valorize a diversidade cultural, respeitando a tradição de cada cultura, como também, que discuta situações de estereótipos, de injustiças e preconceitos, que possam ser geradas através dessas práticas, para tentar superá-las em sala de aula.

Diante do exposto, na BNCC para o Ensino Médio a EF está situada no campo de linguagens, que segundo a BNCC tem o objetivo de “[...] propiciar oportunidades para a consolidação e a ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens – artísticas, corporais e verbais” (BRASIL, 2018, p. 482). O currículo segue a mesma linha de organização do ensino fundamental, subdividida dentro das seis práticas corporais (Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura).

A área de linguagens no Ensino Médio está disposta dentro de cinco campos de atuação social, que são: campo da vida pessoal, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e campo artístico. Segundo a BNCC, esta organização dá a possibilidade de o ensino alcançar várias outras formas de ensino-aprendizagem.

Como em todo o documento do Ensino Fundamental, no bloco para o Ensino Médio, também se divide em habilidades específicas, mas apenas por área de conhecimento. Na área de linguagens, das 7 competências, a 5ª engloba a EF, que tem por finalidade: “[...] Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade” (BRASIL, 2018, p. 490).

No que se refere à dança para o Ensino Médio, a BNCC não traz um bloco ou parágrafo específico. O documento fala apenas de como as práticas corporais em geral devem ser trabalhadas e abordadas dentro de cada instituição escolar. A BNCC acredita que os conhecimentos acerca da dança que o aluno trouxe do Ensino Fundamental, já o torna de certa forma, autônomo para a prática, com isso a dança para o Ensino Médio foi pouco esmiuçada, e traz poucos elementos de como o professor pode desenvolver a prática da dança nesta etapa de ensino. (DINIZ; DARIDO, 2019).

O bloco da disciplina de artes traz um maior acervo sobre a dança, no que diz respeito à sua capacidade artística, estética e cultural no Ensino Médio. Já no bloco da disciplina EF, a dança é compreendida apenas como uma prática corporal ligada ao corpo, que pode gerar conhecimentos através do gesto motor e trazer benefícios à saúde, sem estímulo às potencialidades dos processos criativos e artísticos da dança.

Nesse sentido, ALVES *et al.* (2017) afirmam que as propostas para a educação

brasileira sobre a dança nos documentos da EF são limitadas quanto ao seu trato enquanto conhecimento que possa gerar intervenções a partir da prática da EF em si. Para os autores, as orientações para a EF apontam a dança como um conteúdo genérico, diferentemente daquelas previstas pelos documentos de Arte, que trazem a dança como uma linguagem corporal e com uma visão interacionista, quando se tem um conhecimento maior sobre seus movimentos sob uma perspectiva contextualizada.

### 3.4 A DANÇA NO DOCUMENTO CURRICULAR DO TOCANTINS (DCT)

Transpassando de um plano macro para o específico, em 2019 foi aprovado o Documento Curricular do Tocantins (DCT) (TOCANTINS, 2019), que é o resultado de uma proposta estadual em diálogo com a federal (BNCC). O DCT é a apropriação da BNCC, considerando as particularidades do estado do Tocantins. O DCT partiu de uma construção coletiva entre conselhos estaduais, com a participação efetiva de professores de ensino superior do próprio estado e professores das redes estadual e municipal, que totalizaram 185 colaboradores.

O documento é dividido em cadernos de componentes curriculares e documentos específicos para cada área: Documento Educação Infantil, Documentos Ciências da Natureza e Matemática, Documento Linguagens, Documento Ciências Humanas e Ensino Religioso. O documento está previsto como base para toda a Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado do Tocantins.

Assim como recomendado pela BNCC, o DCT é o documento que deve nortear o ensino da educação básica em todo o estado do Tocantins. Estando como base, o DCT contempla um número de habilidades e competências primordiais para a vida dos alunos, de modo igualitário aos estudantes dos demais estados do país. A proposta do documento é desenvolver o ensino aos alunos de modo que os prepare tanto para a vida quanto para a sua inserção ao ambiente de trabalho.

No DCT, a EF está inclusa nos cadernos de Linguagens, pois é compreendida como uma das diversas formas de linguagens, ou seja, a linguagem corporal. Assim como na BNCC, a EF fundamentada e tematizada como um conjunto de práticas corporais, enfatiza a Cultura Corporal de Movimento, considerando-a diretamente inserida na vida cotidiana dos educandos.

Nesse contexto, a EF é capaz de desenvolver nos alunos as concepções de universo cultural, no qual poderão se apropriar de cenários de lazer e saúde, ludicidade, consciência de

si e do outro, por meio da ampliação da consciência de seus movimentos dentro e fora da escola. O documento apresenta também as práticas corporais divididas em unidades temáticas, assim como na BNCC, sendo elas: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura.

Diante do exposto, o documento organiza suas unidades temáticas de forma fiel e sólida ao apontado pela BNCC. A dança é entendida como movimentos corporais rítmicos e coreografias, que trazem movimentos característicos de cada época e regiões, e que apresenta diferentes significados conforme o lugar a que pertence. Ressalta-se também a importância do conteúdo dança trazer para os alunos movimentações rítmicas e corporais que contemplem a cultura que constitui cada região do estado. A dança nesse contexto tem o objetivo de recuperar expressões que foram de certa forma esquecidas com o tempo. O documento cita o exemplo da súa e da catira, como formas de expressões das danças locais, do estado do Tocantins.

As propostas pedagógicas que estão direcionadas às séries de 1º a 5º, também trazem um apanhado sobre as danças do Brasil e do mundo. Danças de matriz indígena e africana, e o foco nas danças do Tocantins. No 6º e 7º as temáticas previstas são as danças folclóricas e as danças urbanas, respectivamente. Nos 8º 9º são as danças de salão.

Evidenciou-se que os principais objetivos citados como sugestões pedagógicas no documento, trazem a experimentação de cada estilo, o conhecimento de cada dança, a compreensão dos significados que estão inseridos em cada movimentação corporal, bem como a improvisação e criação de movimentos. Destaca-se também a perspectiva de interação uns com os outros e acima de tudo a capacidade de relatarmos o que sentem através de cada prática.

## 4 PRÁTICA PEDAGÓGICA, DANÇA E O CONTEXTO ATUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS

Com o intuito de identificar como ocorre a intervenção didático pedagógica com a dança nas escolas estaduais de Tocantinópolis e discutir sobre a prática pedagógica da dança no contexto atual da EF escolar, apresentaremos os dados extraídos das entrevistas realizadas com os professores participantes do estudo.

Faremos a apresentação dos dados a partir de categorias de análise criadas, com base na aproximação temática percebida pelas falas dos sujeitos. Desta forma, na primeira categoria, *Abordagem pedagógica*, discutiremos o trato da dança na escola e alguns desafios apontados pelos docentes. Na segunda categoria, *Conteúdos/temáticas*, apresentaremos os principais temas e conteúdos relacionados à dança contemplados nas práticas dos professores. Na terceira categoria, *Dança e pandemia*, buscaremos compreender como ocorreu o trato da dança durante a pandemia de Covid-19. Por fim, a última categoria, *Dança, mídia e cultura popular* refletiremos questões relacionadas à essas temáticas que se mostrou latente nas falas dos professores.

### 4.1 ABORDAGEM PEDAGÓGICA

Nesta categoria reunimos dados que nos permitem analisar a abordagem pedagógica da dança na escola. Para tanto buscamos identificar nas falas dos professores se o conteúdo dança é abordado em suas aulas, a importância que conferem a esse conhecimento, se houve experiências significativas e valorização das possibilidades de desenvolvimento dessa temática de forma articulada com outras áreas e sujeitos escolares. Os seguintes excertos extraídos das entrevistas apontam alguns elementos para refletirmos acerca dessas questões. Perguntamos aos professores se abordavam a dança nas suas práticas e pedimos que nos contasse um pouco como faziam:

[...] a gente sempre buscava trabalhar a questão do teórico e a questão da prática [...], por exemplo a turma dos primeiros anos escolhia um ritmo, [...] o conteúdo era danças do mundo [...] eu escolhia determinado continente e a partir dali eles escolhiam um para fazer a abordagem cultural (P1).

[...] Eu explicava o conteúdo e eles vivenciavam formando grupos e faziam as apresentações no auditório, que poderiam ser filmadas ou apresentadas na hora (P2).

Em 2017 eu fiz um projeto de dança, que acontecia todo ano. Eu dividia por

turma, 8º e 9º ano ficavam com danças da cultura mundial e 6º 7º anos ficavam com danças folclóricas, como bumba-meu-boi. [...] A gente tinha a teoria e a prática, a gente desenvolvia esse projeto, eu passava a teoria dos conteúdos nas aulas e na prática a gente já desenvolvia essa teoria junto com os alunos (P3).

O conteúdo é abordado sim. Quando as aulas eram presenciais a gente tinha as aulas de dança. Exemplo, quando a gente abordava o tema hip-hop, a gente fazia na escola a demonstração, toda história do hip-hop até chegar na coreografia que era a aula prática (P4).

Eu procuro sempre trabalhar a teoria e a prática. Apesar de ter uma facilidade em dar a prática eu não deixo de trabalhar a teoria, principalmente com aqueles alunos que não gostam de dançar. Então, mesmo que eles não participem da prática, pelo menos, adquirem um pouco de conhecimento da história da dança (P5).

Sempre! Numa fatia de um bimestre eu trabalho dança (P6).

Antes da pandemia, a gente passava seminários para eles trabalharem os tipos de dança, eles faziam coreografias.” (P7).

A partir desse questionamento, podemos observar que todos os professores entrevistados abordam o tema dança nas suas aulas. Em relação à importância que conferem ao tema, os professores responderam que:

É de suma importância [...] trabalhar as movimentações do corpo, a autoestima, a cooperatividade (P2).

É super importante! A dança trabalha todos os movimentos [...], a coordenação motora, as habilidades da parte física, força [...] (P3).

A dança faz com que eles tenham mais confiança em si próprio (P5).

A dança te dá uma ótima noção de espaço, uma ótima lateralidade [...] um olhar periférico e a questão de interação social (P6).

De acordo com Gariba e Franzoni (2007), a dança deve ser trabalhada na escola como uma temática que traz benefícios ao desenvolvimento motor e promove para o aluno experiências que o ajudam a desenvolver suas capacidades cognitivas, no que tange às suas diversas formas de expressão e socialização, que de certo modo se tornam indispensáveis para todo ser humano. As falas dos professores demonstram que os mesmos consideram e concordam com os pensamentos das autoras de que a dança traz inúmeros benefícios e tentam promover esse conteúdo dentro das suas práticas pedagógicas nas aulas de EF.

Kleinubing e Saraiva (2009) acrescentam que o professor deve oportunizar aos seus alunos conhecimentos através da dança, e que para realizar essa prática, o educador não precisa necessariamente ter tido uma vivência pessoal com a dança ou ser um especialista em

dança. Os autores ainda atestam que “[...] deixar de oportunizar aos alunos a experiência da dança é deixar uma lacuna, tanto no seu processo educativo, quanto no seu desenvolvimento pessoal” (KLEINUBING; SARAIVA, 2009, p. 211).

Ainda sobre a abordagem da dança nas práticas da EF escolar, os professores afirmam que:

A gente ia mais para escolha de um ritmo, [...] aquela turma dos primeiros anos, escolhia um ritmo, [...] e a partir dali eles escolhiam um pra fazer a abordagem cultural exposta no projetor de imagens. A partir dessas exposições a gente decidia por votação qual seria apresentada pela turma, e aí eles iam explorar ela. Algumas davam certo, algumas o pessoal desistia (P1).

Antes da pandemia a gente vivenciava mesmo. A gente tinha até concurso nas minhas aulas, depois que todos apresentavam a gente ia ver os vídeos pra ver qual era o mais legal [...] Eles vivenciam formando grupos e faziam as apresentações no auditório (P2).

Quando a gente abordava o tema hip-hop, a gente fazia na escola a demonstração, toda história do hip-hop até chegar na coreografia que era a aula prática (P4).

Pra facilitar a abordagem da dança, eu divido a turma em grupos [...] também procuro fazer sempre competições [...] aí o grupo que se destacar melhor vai ganhar uma premiação (P5).

A gente passava seminários pra eles trabalharem os tipos de dança, eles faziam coreografias (P7).

A partir das falas dos professores, subte-se que a dança quando trabalhada na escola, é abarcada por sequências coreográficas, por formação de grupos e posteriormente apresentações. Isso ficou evidente nas falas e em alguns casos, usa-se o meio de competições para que os alunos sintam um maior “desejo” pela prática da dança. Os discursos dos professores nos sugerem que a dança é desenvolvida através de movimentos mecânicos, pré-estabelecidos, repetitivos, com o uso de coreografias já prontas.

Em alguns casos os professores transmitem aos alunos essa prática, em outros, usam meios como ferramentas tecnológicas. O que de certa forma não está errado, tendo em vista que esta pode ser a única possibilidade que o professor encontra ao seu alcance. Contudo, esse tipo de ação pode gerar um certo déficit para os processos criativos dos alunos, que devem ser valorizados na escola. Para Gariba e Franzoni (2007), o professor deve oportunizar uma prática transformadora, inspirando no indivíduo seu processo criativo.

Não obstante, Pereira (2001) acrescenta que oportunizar aos alunos o conhecimento de estilos e técnicas, através de coreografias, é uma maneira de despertar as habilidades do aluno através do gesto motor, e que pode ser uma possibilidade de intervenção com a dança, tendo o objetivo de despertar novas inquietações nos alunos, no sentido de instigar a sua

criatividade.

Adentrando um pouco mais a abordagem pedagógica de cada professor, encontramos algumas divergências entre as falas, quanto ao protagonismo dado ao aluno e o acompanhamento pedagógico para as práticas com a dança

Eles [alunos] escolhiam um [ritmo] para fazer a abordagem cultural exposta no projetor de imagens. A partir dessas exposições a gente decidia por votação qual seria apresentada pela turma. Aí eles iam explorar e estudar especificamente [a dança]. Algumas davam certo, algumas o pessoal desistia (P1).

Eu passava a teoria dos conteúdos nas aulas, e na prática a gente já desenvolvia essa teoria junto com os alunos (P3).

Antes da pandemia, a gente passava seminários para eles trabalharem os tipos de dança. Eles faziam as coreografias (P7).

Os professores P1 e P7 indicam que quando se tratava da parte teórica de contextualização do conteúdo, apresentação visual e escolha da temática, os professores acompanhavam mais de perto os alunos. No entanto, a partir do momento que designam aos estudantes a tarefa de preparar uma coreografia (apresentação), não percebemos esse acompanhamento, de modo que alguns trabalhos conseguem ser consolidados e outros não.

Em contrapartida, o professor P3 afirma a condução do trabalho pedagógico com a dança de maneira a construir com os alunos uma abordagem teórica do conteúdo e uma prática vivenciada “junto com os alunos”. Isso nos mostra a possibilidade de materialização de um trabalho com a dança na escola que é fundamentado pela mediação pedagógica do professor. Pensando em um trabalho didático que garanta ao aluno campos de experiência favoráveis na relação com o conteúdo, o que faz toda a diferença.

Segundo Pereira (2001), o trabalho com a dança deve seguir uma linha metodológica, organizada pelo professor, que faça sentido e que sirva de instrumento transformador para os seus alunos. Isto posto, é de extrema importância que o professor esteja presente em todo esse processo de construção pedagógica, produzindo conhecimentos junto aos seus alunos, motivando-os, instruindo, ajudando-os nas resoluções de problemas, sem necessariamente, tirar-lhe o protagonismo no processo criativo com a dança. O autor complementa:

A dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem si próprios e/com os outros (colaboração em grupo): a explorarem o mundo da emoção e da imaginação: a criarem: a explorarem novos sentidos, movimentos livres e técnicos.

Verificam-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade, o que ocorrerá, é óbvio, caso o professor não se deixe cegar pelo trabalho de performance técnica. (PEREIRA, 2001, p. 61).

Em relação às experiências anteriores dos professores com a dança, vemos que P4 e P5 afirmam ter contato prévio com a dança. Eles garantem o conteúdo no currículo e fazem uma abordagem conceitual, apontando não sentirem dificuldades para tratar o tema. Os professores trabalham desde a contextualização até a prática em si.

em relação ao conteúdo de dança, eu já participei de grupos de dança, eu danço hip-hop, danço axé, forró [...] sempre tive facilidade pra esse lado [...] (P4).

Apesar de ter uma facilidade em dar a prática eu não deixo de trabalhar a teoria [...] (P5).

Já o professor P6 afirma sentir dificuldades para a abordagem desse conteúdo. Contudo, não se exime da tarefa e busca alternativas como a utilização de recursos visuais:

Tem as aulas práticas, eu particularmente não sou muito apropriado para a dança, mas eu faço [...] Então, a gente tenta atingir com vídeos, com eles pesquisando, com filmes (P6).

Segundo Marques (2007), o mundo contemporâneo se evidencia através de novas oportunidades para a transmissão de conhecimentos. A tecnologia nesse caso, pode ser um ótimo aliado à prática do professor, trazendo novas possibilidades em abordagens pedagógicas, tendo em vista que a sociedade tecnologia está em constante mudança e esse mundo faz cada vez mais parte do cotidiano dos alunos.

Dentre os desafios apontados pelos professores, destacamos as questões relacionadas à formação inicial em EF, o predomínio do esporte como conteúdo na EF escolar, as questões relacionadas ao gênero e as resistências dos alunos e professores ao conteúdo dança.

O fato dela [dança] ser esquecida, muitas vezes, é por falta de conhecimento [...] a gente prefere ficar naquele [conteúdo] que a gente tem um maior nível de estabilidade, mais fácil pra gente [...]. No início pra mim foi um tabu fazer apesar de ter na faculdade, mas a gente não tem tanta amplitude (P1).

Eu não me apropriei tanto dentro da minha formação [...] o lado negativo foi eu não ter tido nenhuma experiência na minha formação e depois disso não ter buscado, porque você se prende a uma certa realidade escolar e na realidade não se apropria tanto da dança [...]. Desde a faculdade, eu fiz

muita coisa com dança, só que não me tocou, que eu pudesse pensar que dava pra fazer alguma coisa com a dança [na escola] (P6).

Eu me sinto retraído, porque não tenho muita afinidade com a dança (P7).

Segundo Kleinubing e Saraiva (2009) os cursos de graduação em Educação Física não trazem um conteúdo abrangente sobre a dança, de modo a proporcionar um conhecimento acentuado sobre suas diversas facetas e possibilidades. Para Brasileiro (2002, 2003) isso se deve muito, ao fato de ainda haver uma escassez de discussão sobre a dança, dentro dos currículos de formação de professores em Educação Física. A formação deveria assegurar um acervo de conhecimentos aos profissionais da área, de modo que os educadores saíssem da graduação se sentindo capacitados à abordagem teórica e prática dos conteúdos da cultura corporal. (PEREIRA; HUNGER, 2009).

Os professores também apontaram o maior interesse dos alunos pela prática esportiva do que pelo conteúdo dança.

A gente fica com receio de trabalhar também, porque o pessoal [alunos] prefere o esporte, [...] porque na verdade, a gente tem que contemplar muita coisa, muitos conteúdos e nem todo mundo gosta de todos os conteúdos [...]. O que é difícil também, é quebrar aquele muro do futebol, por eles gostarem bastante de praticar só aquilo ali (P1).

Alguns alunos se interessavam, [...] alguns se caracterizavam, se vestiam para gravar o vídeo, faziam toda aquela caracterização. Agora, outros [...] gostam mais do tema esportes [...]. Tem alguns que gostam da dança, principalmente, as meninas. Tem algumas que quando falava em dança elas já iam fazer coreografias e tudo, mas era a minoria. [...] Eles gostam mais de esportes, como futsal, handebol, vôlei, basquete, tênis de mesa. Muitos não se identificam com dança, quando fala “dança”, muitos já falam: “*xiii, professor, não tem outra coisa?*” (P7)

Estudos como o de Darido (2012) retratam que a visão tecnicista da EF e a concepção esportivista, se estabeleceu na área desde as décadas de 1970 e perdura até os dias atuais. De acordo com a autora, a EF foi de certa forma submetida a princípios de rendimento esportivo, competição e uso de técnicas específicas por muito tempo e que isso inevitavelmente atingiu a escola.

Pela fala dos professores, vemos que os mesmos consideram o conteúdo esportes mais fácil de ser trabalhado e desejado pela maioria dos alunos. Porém, os educadores asseguram que, apesar disso, a temática dança é ofertada dentro das suas aulas. Silva e Sampaio (2012) ressalta que os conteúdos não devem ser reduzidos de modo que um se sobressaia ao outro. O professor deve reconhecer que “[...] conhecer e reconhecer diferentes

conteúdos é fundamental para que o indivíduo tenha uma atitude favorável à ocupação do tempo disponível com atividades que tragam qualidade de vida.” (SILVA; SAMPAIO, 2012, p. 113).

Outra dificuldade apontada pelos docentes é a necessidade de convencer os alunos a participarem das vivências com a dança, especialmente, aqueles que não possuem afinidade com o tema. Na maioria das vezes, isso é demonstrado pelo público masculino.

No início é um pouco complicado, justamente para eles entenderem o contexto da dança [...], mas depois, eles acham tranquilo. A dificuldade maior está em encontrar os meninos e colocar eles para dançar (P1).

Essa temática é bem relativa. [...] Tem alguns alunos que não participam por timidez, por vergonha, não participam de jeito nenhum. [...] Alguns falavam: “*óh professor, você pode passar qualquer outro trabalho pra mim, mas esse da dança eu não participo*”. Então, esse lado que eu observo é mais a questão masculina, [...] já as meninas elas já eram mais empolgadas, elas mesmas se organizavam, [...]. (P3).

Quando o assunto é dança, a minha maior dificuldade é a indisposição de alguns. Nem sempre todos querem, por vergonha, alguns por serem “cheinhos” outros “magrinhos”, outros por não saber mesmo. [...] O que impede mais o envolvimento deles nas aulas, é porque eles se sentem retraídos [...], ficam com vergonha de comentários de outros colegas [...] (P5).

Na maioria das vezes eles participam. A questão maior é a inibição, mas a gente tem que tentar atingir pelo menos a metade da turma (P6).

Tem alguns alunos que gostam da dança, principalmente as meninas. Tem algumas que quando falava em dança elas já iam fazer coreografias e tudo (P7).

As falas de alguns professores, quando discorrem sobre a relação dos meninos com a dança pode estar ligada à ideia de que dança é para meninas. Um estereótipo que pode ser compreendido como uma divisão de características específicas para cada gênero e de uma segregação quanto aos papéis que devem ser desenvolvidos na sociedade (KLEINUBING; SARAIVA; FRANCISCHI, 2013, p. 72 *apud* SARAIVA, 2005, p. 37).

De acordo com Kleinubing, Saraiva e Francischi (2013), a ideia de padrões de comportamento é constantemente identificada no imaginário dos sujeitos e possui uma visão de dissociação de “razão e sensibilidade”, de masculino e feminino. Com isso, segundo as autoras, a mulher possui liberdade quanto à sua expressão e esta ideia está incutida também nas práticas corporais desenvolvidas na escola e diretamente ligada à dança.

Ferreira, Villela e Carvalho (2010) ressaltam que o professor, ao trabalhar dança na escola, deve abordar temas sobre estereótipos de gênero, uma vez que este tema se encontra latente nos dias de hoje. As autoras apresentam como possibilidade que os professores devem buscar formas de mesclar atividades consideradas de “menino” e de “menina”, de modo que isso se torne atrativo para ambos os sexos, tendo consciência de que o trabalho docente do professor interfere no significado que esse conteúdo poderá ter para os seus alunos. Na fala dos professores entrevistados, não conseguimos identificar alguma intervenção feita nas aulas quando essas situações/questionamentos foram feitas pelos alunos.

Em relação aos discursos de “vergonha”, “inibição”, a “se sentirem retraídos” sentidos pelos alunos e apontado pelos professores nas suas falas, Moreno, Polato e Machado (2006) destacam que esses sentimentos na escola se tratam da exposição que vem acompanhada do possível julgamento alheio. Levando isso em consideração, o professor pode suscitar abordagens que possam de certa forma, intervir de maneira que o aluno rompa essas barreiras impostas por si mesmos.

#### 4.2 CONTEÚDO/TEMÁTICA

Nesta categoria, buscamos identificar os conteúdos e temáticas relacionados à dança, desenvolvidos nas práticas dos professores. Questionamos aos docentes: quando você aborda a dança nas suas aulas, que conteúdos são trabalhados? O que você ensina? Dentre as respostas estão:

Eu dividia as turmas em equipes, para eles fazerem essa abordagem histórica, de uma determinada dança [...]. Eu nem precisava intervir na questão dos passos, [...] e dizia para eles irem montando a coreografia (P1).

Eles faziam o trabalho de apresentação da história e no final fazia a apresentação de coreografias (P2).

A gente vai desde a história até a coreografia do maracatu, assim como o forró, o axé, o baião e a catira (P4).

Eu começo com a história de como a dança iniciou, [...] tento atingir ele com vídeos, com música, com o conteúdo em si. Quando a gente tem uma aula prática, dá pra fazer alguma coisa com música, atingir a parte física motora, mas não tão direcionado à coreografia (P6).

A gente passa a história, onde foi criado, alguns tipos de coreografias. Dependendo do tipo de dança, a gente passa algumas coreografias (P7).

Conforme as narrativas dos professores, os conteúdos eram apresentados a partir do seu contexto histórico, até a coreografia. Alguns professores apontam que abordavam a parte teórica e deixavam os alunos responsáveis pela construção de coreografias.

A fala do professor P1 sugere que esse processo de criação/e ou reprodução não era mediado por ele. O que pode haver uma certa contrariedade com o dizem Kleinubing *et al* (2012) que destacam que o professor deve ser o mediador da prática com seus alunos durante todo o seu processo de construção e formação, a fim de que se torne uma experiência significativa, de modo que o aluno possa vir a desenvolver suas capacidades criativas.

Outros professores apontaram que o acompanhamento pedagógico com os alunos, eram feitos durante todo o processo, desde a sua contextualização histórica, até o produto final.

Quando tem o conteúdo de dança, a gente trabalha com todo o fundamental de 6º ao 9º ano e a gente vê o envolvimento de todos os alunos [...]. A gente vem no contra turno para estar ajudando eles (P2).

Todo ano a gente desenvolvia as danças e pra mim foi muito significativo, porque eu via a participação dos alunos, eu via eles organizando seu tempo, fazendo seus ensaios indo atrás de patrocínio para fazer as roupas (P3).

As falas dos professores P2 e P3 evidenciam o entusiasmo dos alunos e o envolvimento deles nas ações da EF ao contemplar o conteúdo dança, de modo a conferir-lhes protagonismo. Escámez e Gil (2003) afirmam que o protagonismo juvenil propõe ao aluno responsabilidades a respeito de suas ações, autonomia para tomada de decisões, tentativa na resolução de problemas de diferentes aspectos, atitudes de solidariedade e respeito, ou seja, um conjunto de habilidades a serem desenvolvidos dentro da escola. Observamos que as práticas com a dança desenvolvidas de modo a conferir ao aluno o protagonismo, podem conduzi-lo à uma formação plena, ampliando sua participação e envolvimento nos assuntos tratados pela escola.

Durante as entrevistas, identificamos diversas falas que apontam que o conteúdo dança é trabalhado nos moldes de competições, disputas e concursos dentro da escola.

Sempre na abertura [dos jogos] a gente tenta encaixar as danças que estão sendo trabalhadas. [...] Só que é uma montagem de competição [...]. A dança vinha mais na abertura dos jogos internos, a escola inteira era dividida em quatro equipes, algumas vezes eram divididos por turmas e em outras, a escola dividia por alunos. Os vencedores recebiam nota como forma de prêmio, porque se a gente não associar à nota, muitos deles não participam (P1).

Procuro fazer sempre competições, por exemplo: dança de hip-hop, vai ser divididos os grupos, aí o grupo que se destacar melhor vai ganhar uma premiação, é como se fosse um incentivo para aqueles que não gostam de participar (P5).

A competição âmbito escolar suscita vários questionamentos que são provocados na escolha ou recusa em trabalhar por parte dos professores. No caso da nossa pesquisa, observamos que alguns apontam preferir trabalhar dessa forma, uma vez que, os alunos se sentem mais instigados a participar. Alguns autores valorizam o caráter competitivo que está presente na EF. De acordo com Marzinek e Neto (2007), a competição gera uma motivação intrínseca e interna ao ser humano, que envolve sentimentos de prazer, entusiasmo e determinação nas aulas. Contrário a essa visão, Arruda Júnior (2009) afirma que a competição exacerbada no ambiente escolar pode gerar uma série de afastamento dos alunos menos capacitados, o que pode acontecer de forma natural, visto que o objetivo da competição é o melhor desempenho possível.

Para Reverdito *et al.* (2008), a competição não deve estar apenas inserida dentro das práticas esportivas, pois ela parte de um princípio que o aluno reconhece o outro enquanto competidor e assume sua condição e potencial de desenvolver suas práticas. Por outro lado, Scarpatto (2001) reitera que a dança não deve trazer padrões de competição para os alunos, uma vez que esse comportamento propõe um parâmetro de comportamento correto/errado.

A ideia de competição pode conduzir aos alunos uma concepção de movimentos perfeitos dentro de um modelo técnico pré-estabelecido, no qual, não é o objetivo da dança na EF escolar. A dança na escola deve proporcionar aos alunos variadas formas de expressão através do movimento, que conduz o estudante a reconhecer sua capacidade de expressão em várias linguagens (SCARPATTO, 2001).

De acordo com Barbosa *et al.* (2009), o sistema educacional tem por obrigação estabelecer uma EF capaz de ser realizada por todos os alunos. Nesse sentido, a escola deve estar atenta à democratização dos espaços, práticas e saberes, de modo a permitir a inclusão dos alunos e oportunidades de vivenciar diversificadas experiências e aprendizados.

#### 4.3 DANÇA E PANDEMIA

A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, no dia 11 de março de 2020, a pandemia devido ao novo coronavírus. Vários países, incluindo o Brasil, adotaram medidas como o distanciamento social e o *lockdown*, como tentativas de controle epidemiológico para reduzir a transmissão da doença. Diante deste cenário de isolamento, foram decretados o fechamento das escolas e a prática docente teve que ser remodelada, impactando diretamente a forma de ensino-aprendizagem presencial. Deste modo, os professores tiveram que criar estratégias que pudessem minimizar os efeitos gerados pela crise sanitária vigente.

Levando em consideração que a nossa pesquisa foi realizada durante o período de pandemia, consideramos importante apresentar uma categoria sobre a prática pedagógica da dança nas escolas estaduais de Tocantinópolis, durante o período de pandemia e ensino remoto.

Segundo Hodges *et al.* (2020), o ensino remoto emergencial diferencia-se da modalidade de Educação à Distância (EAD), visto que esta modalidade de ensino dispõe de uma equipe profissional idealizada e estruturada para disponibilizar conteúdos por meios de mídias e plataformas digitais. Por outro lado, de acordo com os autores, o Ensino Remoto Emergencial (ERE), não tem por objetivo implementar um sistema de ensino, mas ofertar, de forma online e de modo temporário, os conteúdos que seriam desenvolvidos presencialmente.

Assim sendo, o ensino emergencial em decorrência da pandemia, se tornou a principal alternativa para a educação nos níveis nacional, estadual e municipal, e os professores tiveram que transpor seus conteúdos e adequar suas aulas para os moldes que se adequassem à realidade de cada instituição escolar.

Para responder os questionamentos sobre como se deu a prática pedagógica dos professores, perguntamos se haviam abordado temas/conteúdos relacionados à dança durante a pandemia. Dentre as respostas destacamos:

A gente colocou nos nossos roteiros. [...] O último roteiro dessa etapa anterior, começou com questão de dança e é uma atividade que eles têm realizado com maior frequência (P1).

Agora no 2º bimestre, trabalhei com o 8º ano através de roteiros impressos e lá no final do roteiro, eu pedi para eles fazerem um vídeo, vivenciando a dança, só que a questão do retorno ainda tá sendo algo novo, foram poucos alunos que me enviaram (P2).

Na pandemia, a gente foca mais na história [teoria]. Agora mesmo, a gente tá abordando as danças folclóricas brasileiras e as danças tradicionais do Tocantins, onde muitos ainda não conhecem (P4).

Trabalhamos no 2º bimestre. A gente tá trabalhando só com roteiro, tentando levar um pouco de música, de dança. Infelizmente a prática a gente não tá desenvolvendo. Pela internet é bem complicado (P6).

Realizamos através de roteiros, a gente colocava um tipo de dança, eles liam um pouco sobre as danças, tipo as folclóricas, que eu passava para eles e eu pedia para eles fazerem algum tipo de vídeo em casa (P7).

Observamos pelas falas dos professores, que o ERE no município de Tocantinópolis, ocorreu por meio de roteiros. Ele era produzido pelos docentes e enviados aos alunos via e-mail e de forma impressa, na escola. Sobre o uso de roteiros, Guerra Júnior *et al.* (2021), afirmam que o roteiro de estudo é uma estratégia de recurso didático que a aprendizagem à

medida “[...] fixa, retoma, esclarece conteúdos; clarifica e explica atividades; diversifica e dinamiza exemplos; organiza processos; localiza e aponta caminhos” (GUERRA JÚNIOR, *et al.*, 2021, p. 15).

No que tange à dança, alguns professores apontaram ter trabalhado o conteúdo nos roteiros didáticos. Eles realizavam o contexto histórico, propunham a realização de atividades escritas, sugestões de vídeos e/ou filmes, e outras vezes a realização de atividades práticas. No entanto, com a pandemia de covid-19, em que evidenciou as nossas desigualdades sociais, também veio dar vista as dificuldades de acesso às tecnologias. Não foi diferente no município de Tocantinópolis, uma vez que os professores relataram a dificuldade em receber a devolutiva das atividades propostas e um maior impedimento em realizar as práticas com a dança de forma direta com os alunos.

A situação da prática à distância não é a mesma coisa, porque precisa de acompanhamento para ver se o aluno está envolvido, [...] se ele estuda em casa ou não, se a família ajuda [...]. A gente sempre está buscando utilizar os vídeos, para quem pode e tem condição de gravar [...], porque tem aluno que tem e outros que não tem condições (P1).

Lá no final do roteiro eu pedi para eles fazerem um vídeo, vivenciando a dança. Só que a questão do retorno [dos roteiros] ainda está sendo algo novo. Foram poucos alunos que me enviaram, mas já vejo que eles estão se familiarizando com essa ideia de gravar e mandar (P2).

Não foi uma tarefa fácil porque estava no início da pandemia e para esses alunos, a maioria não tem acesso à internet. Pelo fato de boa parte dos alunos morarem na zona rural, eu encontrei essa dificuldade [...] de 100% de uma turma eu consegui trabalhar com 10% (P5).

Infelizmente a prática a gente não tá desenvolvendo. Pela internet é bem complicado (P6).

Segundo Nascimento *et al.* (2020), de acordo com os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), cerca de 6 milhões de estudantes brasileiros não tem acesso domiciliar à internet. Desses, 5,8 milhões estão matriculados em escolas públicas. O perfil de estudantes traçado pelo IPEA, mostrou que a falta de acesso à internet ocorre em sua maioria, com estudantes que residem na zona rural e em cidades do interior. É o caso do município de Tocantinópolis e corrobora com a fala dos professores.

Essa dificuldade de acesso à internet pode ser apontada como uma das causas para o baixo nível de devolutivas pelos alunos. É importante ressaltar que, apesar da dificuldade em receber as devolutivas dos alunos, o professor P6 destacou que a dança foi uma das atividades mais praticadas pelos alunos em casa, no período de pandemia.

Nesse tempo de pandemia, perguntamos nos roteiros se eles [alunos] estavam fazendo alguma atividade física. Essa foi uma atividade que eles mais apontavam que faziam [dança] (P1)

Essa fala indica que eles estavam praticando a dança em casa. Independentemente se eles tinham ou não condições tecnológicas, ou até de manuseio para de enviar a devolutiva, era uma atividade que eles indicavam realizar.

#### **4.3.1 Possibilidades do ensino da dança no contexto escolar remoto**

De acordo com Costa, Pitombeira e Fonseca (2021), um dos principais desafios do ensino remoto está relacionado à utilização de meios tecnológicos e mídias sociais como recurso para oferecer novas formas de aprendizagem. Baseado nisso, consideramos relevantes trazer um olhar sobre as possibilidades e uma busca de estratégias, construção de recursos e aprendizagens com a dança como uma nova forma de aproximação com os estudantes.

Em meio ao caos que viveu a educação brasileira nos últimos meses, alguns professores encontraram possibilidades para trabalhar a dança de forma remota, e trouxeram diversas perspectivas para o ensino da dança, durante o período de pandemia, através das tecnologias, como: *instagram*, *tik tok*, e até mesmo as plataformas de vídeoaulas como o *google meet* e *zoom*. A tecnologia está aí e é um dos grandes aliados da educação. Considerando que estas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana das crianças e adolescentes. Podemos dizer até que a prática docente não se restringe mais somente ao ambiente da escola em si, mas abrange todos os espaços possíveis.

No estudo de Allemand e Bonfin (2020), duas professoras licenciadas nos Colégios de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que trabalham a dança com alunos do ensino fundamental II e ensino médio, iniciaram o seu trabalho através do *instagram*, que é uma rede social bem usada pelos alunos, e que dispõe de várias funcionalidades, como vídeos, longos e curtos, *lives*, que podem até serem feitas com convidados especiais, sejam eles em que lugar estejam.

Através da mesma rede social, foram criadas *hashtags* de uma mesma coreografia para que cada aluno executasse de casa e postasse na rede. Outras propostas foram palestras virtuais, debates, campanhas como “24 horas para conhecer a dança,” onde cada aluno deveria publicar um vídeo de companhias brasileiras de dança durante todo o dia. Outro ponto positivo que o estudo nos trouxe, é a possibilidade de trabalhar com professores de todo o

país, trazendo para a aula, vivências que não seriam, talvez, possíveis de levar aos alunos de forma presencial. Transferindo para a realidade da comunidade local, uma vez que, se tratando de uma cidade do interior, os alunos têm pouco acesso a estilos de danças que não são regionais e nem tão populares na cidade. Essa seria uma grande oportunidade de transferir a eles, este conhecimento.

Existem diversas possibilidades para se trabalhar a dança e em muitas delas a tecnologia está ao nosso alcance. Podemos considerar que esse meio proporciona ao professor algumas vantagens como: uma forma mais organizada de apresentar sua didática e ter um feedback mais conciso do seu conteúdo, os alunos podem praticar o exercício da dança em sua própria casa, o professor pode orientar, observar a assiduidade, a participação e colaboração dos alunos no desenvolvimento da aula e assim fazer com que eles tenham noção das dimensões pedagógicas, aplicação e associar as teorias e fundamentos da dança com suas abordagens metodológicas e filosóficas, podendo ainda analisar como a sua didática está sendo assimilada pelos estudantes, sem correr o risco de contaminação da Covid-19.

Nesta conjuntura em que nos encontramos é mais que necessário buscar formas para reinventar a prática pedagógica. Podemos considerar que essas experiências que os professores estão vivenciando está ligado ao que segundo Freire (2011) afirma como uma “inquietação indagadora”, o que está diretamente associado ao processo atual em que estamos inseridos e é o que confere e garante qualidade ao ensino. A capacidade que essa inquietação tem de nos tornarmos críticos e, através dela nascerem novas práticas de ensino aprendizagem.

#### 4.4 DANÇA, MÍDIA E CULTURA POPULAR

Ao investigar a prática pedagógica dos docentes com a dança, alguns temas emergiram no decorrer das declarações dos professores. Temas estes, que iremos abordar nesta categoria, relacionados à dança e a mídia, e associado à cultura popular. Consideramos de grande relevância, discutir este assunto visto que se mostrou de certa forma, latente na realização da prática pedagógica com a dança no âmbito escolar.

Grande parte dos professores apontaram que, ao propor o conteúdo dança para os alunos, os mesmos mostravam uma preferência às danças contemporâneas e as danças que são veiculadas pela mídia.

O mais difícil é trabalhar as danças folclóricas, mas justamente por causa dessa aversão à história... eles querem sempre estar dançando as danças do

momento [...]. As danças folclóricas, culturais já são um pouco mais complicadas, porque muitas vezes não querem participar, porque acham chato. [...] Como eles tem aquela ideia de competição, eles acham que, porque o pessoal das outras turmas está abordando danças mais contemporânea, eles vão perder, eles ficam naquela briga entre eles, de “*ah, eu não quero essa dança aqui porque ela é chata, é feia, é coisa de velho*”, esses estereótipos deles (P1).

É interessante como a música e a dança tem o poder de chamar atenção, é impressionante, é diferente dos demais esportes que a gente tem dentro da escola, ou das outras disciplinas, então quando entra a parte de dança, danças tradicionais, danças populares, as danças que estão bombando no século XXI [...] quando se trata realmente do próprio funk, às vezes os meninos não sabem nem a história de como surgiu, [...] eles estão muito conectados com essa nova dimensão cultural que tem aí (P4).

No documento referencial, tem alguns objetos de conhecimento com danças regionais e comunitárias e que são um pouco difíceis de trabalhar, porque geralmente os alunos querem músicas da atualidade e até mudar isso na cabeça deles é um pouco complicado (P5).

Para adentrarmos nossa discussão, é fundamental refletirmos os sentidos de cultura popular e folclore uma vez que, esses termos foram mencionados pelos professores. Segundo Catenacci (2001), estes termos por vezes são apresentados como antagônicos e em outros como sinônimos. Apesar disso, buscamos compreender a relação entre os dois, para assim, refletir melhor sobre a prática pedagógica, apresentada na nossa pesquisa.

De acordo com Brasileiro (2010), as duas expressões estão ligadas ao povo, ao que é feito, produzido e vivido por aquela determinada comunidade. Ambos têm como ponto em comum, as tradições, comportamentos e hábitos construídos por diversas sociedades diferentes e que contribuem com suas características biológicas e culturais formadas. A dança aparece como uma dessas manifestações, através das festas populares, que por sua vez, estão ligadas às músicas, encenações e particularidades específicas de cada lugar.

A aversão dos alunos pelas danças folclóricas e populares, e uma preferência pelas danças “do momento”, apontada pelos professores, é definida por Sborquia e Neira (2008), como resultado de uma força avassaladora da mídia que invade os espaços dentro da sociedade e atinge diretamente o universo escolar, provocando dificuldades na prática docente, de modo que, interfere diretamente no planejamento dos professores, dando atenção às danças midiáticas e afastando as manifestações rítmicas folclóricas do ambiente escolar.

Baseado nisso, o professor 6, discorre e aponta na sua fala, uma certa dificuldade em trabalhar as danças midiáticas.

Eu acredito também, que as danças mediatizadas, hoje em dia, o professor

que trabalha com dança vai ter um pouco de trabalho para colocar na cabeça do aluno o que dançar, como dançar, o que ouvir e o que expressar na dança, porque é dança como conteúdo em si, expressa sentimentos, expressa formas de falar e interagir. Então, a dança hoje, midiaticizada, não vem de encontro com os valores antigos. Tem muitos valores perdidos através dessas músicas e danças atualizadas. Porém, também tem muita riqueza nesses novos estilos (P6).

Tomando como base o relato do professor P6, Piccinini e Saraiva (2012), explicitam que a indústria de entretenimento tem produzido a dança através de uma visão que expõe o corpo baseado na sua sexualização, atribuindo conceitos de gênero a medida que propõe uma vulgarização ao corpo da mulher, como também tratam a dança com o objetivo de exposição do corpo. Sendo assim, as mídias podem exercer no processo educativo, uma concepção de dança e corpo, impondo corpos fortes e perfeitos exercendo um caráter excludente, uma vez que se precisa seguir um padrão específico para estar inserido naquela prática.

Para Tomazzoni (2009), a mídia é um poderoso artifício pedagógico, e apesar de considerar sua ambiguidade de valores, que por muitas vezes traz a dança como meio de espetacularização, a mídia apresenta várias possibilidades para se transformar e levar a dança para mais pessoas, através da tecnologia, principalmente da televisão e internet, como programas de auditório e *Youtube*, contribuindo assim, para impulsionar o conhecimento sobre novas danças e matrizes coreográficas.

Compreendendo todo este cenário midiático, os professores precisam refletir novas práticas pedagógicas a partir do que é promovido pela mídia, fazendo uma espécie de filtragem do que se deve ou não assumir para o âmbito escolar, sem excluir o potencial instrutivo que a mídia pode oferecer à prática docente. Isto posto, os estudantes podem estar vivenciando os apelos midiáticos, por essas serem as únicas formas de danças que lhes são oportunizadas, portanto, reconhecemos que a escola é capaz de ressignificar essas construções e perspectivas através das aulas de Educação Física, ao longo do trabalho com as suas práticas corporais. (PICCININI; SARAIVA, 2012).

Não obstante aos outros professores, que indicaram adversidades ao tratar as danças populares e folclóricas na escola, o professor 3, aponta que esse conteúdo era trabalhado, e não demonstra dificuldades, de modo que, conseguiu desenvolver um projeto sobre o tema.

Eu fiz um projeto de dança, que acontecia todo ano. Eu dividia por turma, 8º e 9º ano ficavam com danças da cultura mundial e 6º 7º anos ficavam com danças folclóricas, como bumba-meu-boi, mais essas danças de referência do Tocantins e Maranhão (P3).

Com base neste relato, Brasileiro (2010), salienta que a cultura popular brasileira tem suas raízes bem expressivas, de modo que se conhece o país através de suas manifestações populares, e a dança, por sua vez, se destaca como sendo uma das maiores presentes no território nacional. Dos carimbós aos frevos, as danças populares são reproduzidas de norte a sul, cada uma com suas características próprias, que devem ser preservadas e mantidas aos longos dos anos, perpassando a história de modo que ganhe novos sentidos, sem perder sua essência.

Contudo, a autora declara que questões ligadas à cultura e tradição, tem ficado no anonimato e sendo esquecidas pela produção de conhecimento, e ausente das produções acadêmicas. Isso pode se justificar pelo fato de por muito tempo, a produção de conhecimento apresentava a dança sob uma visão europeia e americanizada, visto que não era de grande interesse investigar e difundir as manifestações corporais presentes nas comunidades brasileiras, feitas pelo povo que constitui o nosso país. A partir disso, se gerou uma dificuldade encontrar registros sobre essas expressões, para assim dar visibilidade às manifestações populares brasileiras. (BRASILEIRO, 2010)

De acordo com Sborquia e Neira (2008), a escola tem com papel fundamental na sociedade, de disseminar e multiplicar os conhecimentos acerca do patrimônio cultural e considera a Educação Física, enquanto componente curricular que trata a cultura corporal de movimento, responsável por conferenciar esse conhecimento no âmbito escolar. Os autores reiteram que a escola não deve assumir uma posição a respeito da cultura popular, como algo imutável, associando à ideia de que o que é tradicional não se altera.

A escola deve assumir um posicionamento de transformação e manutenção destes saberes criados e executados pelos diversos grupos sociais, de modo que o professor leve o aluno a conhecer o porquê, como e pra quê aquela determinada manifestação ocorre, propor uma análise histórica, para que os alunos conheçam seu sentido para o contexto social que ele pertence, e a partir daí provocar reflexões, e assim inspirar nos alunos suas próprias formas de dançar. (SBORQUIA; NEIRA, 2008).

Reforçando este pensamento, Diniz e Darido (2015), declaram que as danças folclóricas devem ser difundidas dentro da Educação Física na escola, para levar aos alunos um conhecimento sobre as suas próprias origens, havendo assim, uma identificação cultural aos lugares pertencentes, como também, produzir conhecimentos e materiais sobre a história de vida dos povos, como maneira de propagar e produzir novos materiais de conhecimento.

Ainda sobre esta categoria, outro tema suscitado pela professora 5, foram as danças de matrizes indígenas e africanas.

As danças de matrizes indígenas e africanas eu amo trabalhar porque podem ser trabalhadas de diversas formas e a história é muito bonita, e quando o assunto é esse eles gostam porque é um ritmo agitado. (P5)

As práticas citadas pela professora, são de extrema relevância, uma vez que danças de matrizes indígenas e africanas estão previstas nos documentos norteadores da educação brasileira, e inserido no componente curricular de Educação Física, e por considerarmos que a cultura africana e indígena constitui a cultura brasileira. Segundo Franco e Marani (2020), há uma necessidade de se discutir e vivenciar, os temas supracitados, no ambiente escolar, e refletir em como essas práticas estão sendo sistematizadas e distribuídas na escola.

Os autores afirmam que a Educação Física, por tratar as culturas corporais, é dada a ela a missão de discutir e refletir sobre essas formas de expressões que foram e são difundidas, não só nas danças, como também nos jogos, nas lutas e nas ginásticas. Com isso, o professor deve propagar este conhecimento a fim de que crie no aluno um senso de responsabilidade social.

Bravalheri (2020), assegura que o professor de Educação Física, tem potencial de despertar nos alunos as várias linguagens da dança, presentes nos grupos étnicos, e as suas inúmeras manifestações culturais presentes nestas comunidades, explorá-las por várias perspectivas e a partir daí entendermos melhor o mundo que estamos inseridos.

Com isso, verificamos que a prática pedagógica com a dança, enquanto cultura corporal, pode e deve contemplar as danças populares, de maneira contextualizada, reconhecendo a diversidade cultural brasileira, e considerando sua particularidade historicamente constituídas. Desse modo, a realização pedagógica aplica-se a uma lógica dialética que seja capaz de formar cidadãos críticos em relação à realidade social em que vivem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a compreender a abordagem pedagógica da dança na Educação Física nas escolas estaduais de Tocantinópolis/TO e, de maneira mais específica, contextualizar a dança na escola em diálogo com os documentos legais e a produção acadêmica da área; identificar como ocorre a intervenção didático pedagógica com a dança na Educação Física das escolas estaduais de Tocantinópolis e discutir sobre a prática pedagógica da dança no contexto atual da Educação Física escolar.

Para alcançar esses objetivos, assumimos como método a pesquisa descritivo-interpretativa. Os dados que buscamos analisar foram oriundos da entrevista semiestruturada realizada com cada um dos professores que representam as escolas da rede estadual de ensino de Tocantinópolis.

A experiência de pesquisar a dança evidenciou o quanto esta prática é presente na escola, sendo a Educação Física, um dos principais responsáveis para subsidiar esse conhecimento no ambiente escolar. No entanto, o trato da dança na escola é acompanhado de muitos desafios, uma vez que esse conhecimento assume uma posição secundária em relação a outros conteúdos predominantes, como os esportes, e é desenvolvida em eventos esporádicos na escola.

No decorrer desse estudo, procuramos contextualizar a dança na escola, a partir dos documentos legais da educação brasileira, PCN, BNCC e DCT, e posteriormente, discutir a intervenção didático pedagógica desse conhecimento nas escolas estaduais de Tocantinópolis. Observamos que os PCNs de Educação Física trazem a dança como um complemento à disciplina de Arte, considerando-a somente em seus aspectos motores e rítmicos. Já na BNCC, vimos a indicação do conteúdo dança para os quatro níveis de ensino, como prática corporal que envolve movimentos rítmicos, que podem ou não, ser incorporados a coreografias. Para o DCT, a dança, segue a mesma linha, uma vez que o documento é a apropriação da BNCC, que por sua vez, considera as particularidades dos ritmos e danças culturais, próprias do Tocantins, com o objetivo de recuperar expressões que foram esquecidas com o tempo.

No que refere a abordagem pedagógica da dança na rede estadual de Tocantinópolis, constatamos que todos os professores abordam esse conteúdo em suas práticas pedagógicas e reconhecem a sua contribuição para o desenvolvimento dos alunos. Contudo, o trato pedagógico foi demarcado pela construção de coreografias inspiradas em vídeos da internet que pouco evidenciam a participação dos alunos nos processos criativos de dança. Não

conseguimos identificar nas falas dos professores, alguma prática desenvolvida de modo a instigar o processo de produção coreográfica autoral dos alunos.

Alguns professores, se omitiam em proporcionar essa vivência para os alunos. O que foi destacado na pesquisa como um dos desafios, e uma dificuldade em trabalhar a dança, devido a inconsistente formação inicial. Outros fatores como o predomínio do esporte como conteúdo da EF escolar e as questões de gênero, também, foram percebidos como limites ao trabalho com a dança na escola.

Outra questão destacada pela pesquisa está relacionada ao protagonismo do aluno. Algumas práticas indicam ausência de mediação pedagógica no acompanhamento dos trabalhos de produção de danças pelos alunos. Em contrapartida, outros professores apontaram vivenciar junto com o aluno todo processo, mas conferindo-lhes protagonismo na escolha dos passos, aquisição de recursos, vestimentas e outros.

A abordagem da dança numa dimensão competitiva ficou bastante evidenciada nas falas dos professores. No que tange ao período pandêmico, constatamos que os professores utilizaram os roteiros impressos para trabalhar seus conteúdos e a dança foi contemplada, sendo um dos conteúdos com maior número de registros de vivências e devolutivas entregues aos docentes. A maioria dos registros ocorreram através de gravações de vídeos.

Na relação dança, mídia e cultura popular evidenciamos que existe entre os alunos uma maior preferência pelas danças contemporâneas e danças “do momento”, as danças da mídia. Isso se mostrou como um desafio para os docentes, visto que os documentos norteadores apontam o ensino das danças tradicionais e folclóricas. Apesar disso, outros professores afirmaram não sentir dificuldades para a abordagem das danças das culturas populares, o que nos leva a compreender que o diferencial está no trato pedagógico conduzido e não no conteúdo em si.

Quando se trata de uma abordagem com foco em competições, como ficou evidenciado na realidade de algumas escolas, os alunos preferem “competir” com as danças do momento, visto que essas já têm “o gosto do povo”. Já as danças populares são consideradas pelos alunos como algo ultrapassado, desprovido de sentidos e interesses para eles. Portanto, a abordagem das danças populares por meio de projetos articulados com toda escola, parece envolver de maneira mais significativa os alunos. Nesse sentido, consideramos que o modo como o professor conduz a prática pedagógica, de modo especial, a partir de projetos parece repercutir melhor entre os estudantes e na maneira deles se envolverem com o conhecimento. O conteúdo danças populares abordado de maneira contextualizada, envolvendo a participação direta dos alunos e acompanhado de perto pelo do professor, tem

alcançado resultados positivos entre os estudantes.

Diante do exposto, sem a pretensão de generalizar os dados aqui identificados, sinalizamos a importância da continuidade desse estudo, agora, a partir das impressões dos alunos, que são os principais sujeitos do ensino/aprendizagem. Acreditamos que muitas outras questões podem ser suscitadas a partir dos apontamentos feitos pelos sujeitos pesquisados, abrindo novas reflexões, e assim, buscar promover e abrir novos espaços para o conteúdo dança, compreendendo-a como uma rica experiência corporal para si, para o outro e para o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALLEMAND, D. S.; BONFIN, L. Danças a um click de distância: extremos geográficos e aproximações tecnológicas. In: ZANELLA, A. K.; ARAÚJO, L. V. C. de; BALDI, N. C. (Org.). **Processos criativos, formativos e pedagógicos em dança**. Salvador, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/7160>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.
- ALVES, M. J. *et al.* Ensino de dança em programas nacionais no brasil e portugal. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 23, n. 2, p. 489-502, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/64767>. Acesso em: 14 de ago. de 2021.
- ARRUDA JUNIOR, N. A. A. **A competição e a educação física escolar**. 2009. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- BARBOSA, C. L de A. **Educação física escolar de alienação à libertação**, 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BARBOSA, S. C. *et al.* A esportivização da Educação Física no ambiente escolar. **Revista Digital: EFDeportes**. com, Buenos Aires, v. 14, n. 133, 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd133/a-esportivizacao-da-educacao-fisica.htm>. Acesso em 01 de nov. de 2021.
- BARRETO, D; **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades**. 1 ed. São Paulo: Autores Associados, 2004.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC, UNDIME, CONSED, dez. 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASILEIRO, L. T. O conteúdo “dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 45-58, jul./jun. 2002-2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/56>. Acesso em: 23 de mai.de 2019.
- BRASILEIRO, L. T. A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. **Pro-Posições**, v. 21, p. 135-153, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Ch9QvNkbYvw5xNKZF9RdkPw/?lang=pt>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.
- BRAVALHERI, R. S. Cultura africana numa perspectiva interdisciplinar: Educação Física na cultura corporal de movimento. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-22, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76910/45126>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

CATENACCI, V. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, p. 28-35, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/VNzdj3bndNsGT3mHhwg5krk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, E. S.; PITOMBEIRA, A. L. F.; FONSECA, M. R. S. Limites e possibilidades do ensino remoto na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Maracanaú. **Educação do Ceará em Tempos de Pandemia**, p. 44.

DARIDO, S. C. Educação Física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. **Cadernos de Formação: conteúdos e didática de educação física**. São Paulo: Cultura acadêmica, v. 1, p. 21-33, 2012.

DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de educação física: aproximações a partir do currículo do estado de São Paulo. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 21, n. 3, p. 701-716, 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/53073>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. O que ensinar sobre dança no ensino médio?. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e56603>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

ESCÁMEZ, J.; GIL, R. **O Protagonismo na educação**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA, S. A.; VILLELA, W. V.; CARVALHO, R. Dança na Escola: uma contribuição para a promoção da saúde de crianças e adolescentes. **Investigação**, v. 10, 2010.

FRANCO, M. C.; MARANI, V. H. Corpo, relações étnico-raciais e currículo: incursões iniciais pela educação física na base nacional comum curricular. **Revista Sapiência**, v. 9, n. 3, p. 329-348, (2020). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/329112253.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GARIBA, C. M. S.; FRANZONI, A. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 2, p.155-171, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3553>. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. Como elaborar projetos de pesquisa, v. 4, p. 44-45, 2002.

GODOY, A. S. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUERRA JUNIOR, A. L. *et al.* A eficácia do roteiro de autoestudo como recurso didático no ensino remoto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e160101320891-e160101320891, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20891>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

HODGES, C. B. *et al.* A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizagem online. 2020. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia** Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>. Acesso em: 7 de nov. de 2021.

KLEINUBING, N. D.; DO CARMO SARAIVA, M. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 15, n. 4, p. 193-214, 2009. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/movimento/article/view/4610>. Acesso em: 05 de set. de 2021.

KLEINUBING, N. D. *et al.* A dança na perspectiva crítico-emancipatória: uma experiência no contexto do Ensino Médio. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/feff/article/view/14532>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. C.; FRANCISCHI, V. G. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, p. 71-82, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/vdX5TG9F3cCkz4vLzxSF5VF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.

LABAN, R. V. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LEPECKI, A. **The Politics of Speculative Imagination in Contemporary Choreography**. *The Oxford Handbook of Dance and Politics*, p. 149, 2017.

MARZINEK, A.; NETO, A. F. A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física. **Educación Física y Deportes**, 2007.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. Cortez, 1999.

MARQUES, I. A. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

MEDINA, J. P. S. **O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas, SP: Papiros, 1987.

MELHEM, A. **A prática da educação física na escola**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2012.

MORENO, B. S.; POLATO, A. L.; MACHADO, A. A. O aluno e seu corpo nas aulas de educação física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 6, n. 8, p. 85-104, 2006.

NASCIMENTO, P. M. *et al.* Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia. Brasília: **Ipea**, 2020. 16 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39779>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

PEREIRA, M. L.; HUNGER, D. A. C. F. Limites do ensino de dança na formação do professor de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4 p.768-780, out./dez. 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/8366>. Acesso em: 01 de nov. de 2021.

PEREIRA, S. R. C. Dança na escola: Desenvolvendo a emoção, a imaginação e o pensamento. **Kinesis**, n. 25, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10213>. Acesso em: 09 de nov. de 2021.

PICCININI, L.; SARAIVA, M. C. A dança-improvisação e o corpo vivido: re-significando a corporeidade na escola. **Pensar a prática**, v. 15, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/15081>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

REVERDITO, R. S. *et al.* Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/1207>. Acesso em: 09 de nov. de 2021.

SBORQUIA, S. P.; NEIRA, M. G. As danças folclóricas e populares no currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**, n. 31, p. 79-98, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p79>. Acesso em: 12 de nov. de 2021.

SCARPATTO, M. T. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedex**, v. 21, p. 57-68, 2001.

SILVA, J. V. P.; SAMPAIO, Tânia M. V. Os conteúdos das aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? **R. bras. Ci. e Mov** 2012.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. Métodos de pesquisa em atividade física. **Artmed Editora**, 2012.

TOCANTINS. **Resolução nº 024**, de 14 de março de 2019. Aprova o documento curricular da educação infantil e do ensino fundamental, para o Território do Tocantins. Palmas, TO, 2019.

TOMAZZONI, A. Lições de dança na mídia. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 77-86, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84838252009.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

VERDERI, E. B. **Dança na Escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

VIEIRA, M. S. A dança na arte e na educação física: diálogos possíveis. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v. 13, p. 177-185, maio/ago. 2014. ISSN: 2358-1425.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa A dança como prática pedagógica na Educação Física escolar. Esta pesquisa será realizada por mim, Emily Cristina Pereira de Almeida, do Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Tocantins, do Campus de Tocantinópolis, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bethânia Alves Costa Zandomínegue. Nesta pesquisa, pretendemos compreender a abordagem da dança na Educação Física das escolas estaduais de Tocantinópolis. O motivo que nos leva a estudar este tema surgiu a partir de buscas em periódicos multitemáticos da área da Educação Física, onde observamos um baixo fluxo de publicações acerca do tema dança na região Norte, principalmente na região do Bico do Papagaio.

A escassez de publicações acerca do tema sugere que a dança não tem sido trabalhada como conteúdo específico na escola. Portanto, surge o desejo de comprovar cientificamente, como esse tema vem sendo abordado. Além da importância para a área da Educação Física, podemos destacar que a pesquisa promove a difusão do tema, apontando os desafios e as possibilidades para que a dança venha a ser desenvolvida na escola.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: entrevistas online. A sua participação consistirá em entrevistas via google meet que serão gravadas para a produção dos dados. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em alguns possíveis constrangimentos que poderão surgir mediante às perguntas. Contudo, esclarecemos que nenhum participante será obrigado a responder caso não queira. A pesquisa contribuirá para averiguar se a dança está inserida no contexto escolar, bem como, conhecer os limites e as possibilidades desse trabalho diante dos contextos adversos gerados em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o(a) Sr.(a) é atendido(a) pela pesquisadora. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer dado, material ou registro que indique sua participação no estudo não serão liberados sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento será enviado de forma online e deve ser assinado de forma digital e, posteriormente, arquivado pela pesquisadora, por um período de 5 (cinco)

anos e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “A dança como prática pedagógica na Educação Física escolar”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

( ) Concordo que o meu registro fotográfico, sonoro e/ou audiovisual seja utilizado para esta pesquisa.

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante:

Data:

---

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome da Pesquisadora Responsável:

Endereço:

Bairro:

CEP:

Cidade: Tocantinópolis

Telefone Fixo:

Telefone Celular:

E-mail:

---

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

DATA

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

1. Comente sobre o processo de planejamento, estruturação e desenvolvimento pedagógico da EF na sua escola.
2. Quais os conteúdos da cultura corporal de movimento são contemplados nas suas aulas?
3. Em relação ao conteúdo dança, é abordado em suas práticas pedagógicas? Caso sim, como?
4. Para você qual a importância da dança nas suas aulas?
5. Comente sobre alguma experiência, significativa ou não na realização do trabalho com a dança na EF.
6. Você desenvolveu temas/conteúdos relacionados à dança durante a pandemia? Conte um pouco sobre como ocorreu esse trabalho.
7. Quando você desenvolve o conteúdo dança nas suas aulas, você percebe o envolvimento e o interesse dos alunos no desenvolvimento dessa temática? Caso sim, como isso se evidencia?
8. Quando você aborda a dança nas suas aulas, que conteúdos são trabalhados? O que você ensina?
9. Quais são os principais desafios que você encontra para trabalhar a dança na escola?
10. Você reconhece a possibilidade de articulação da educação física com outras áreas, sujeitos e profissionais, para trabalhar a dança na escola? Caso sim, de que forma poderia ser? Comente sobre suas experiências.